

Sarney revigora apoio ao Plano

Enfoque social do discurso convence e empolga os governadores

EBN

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

Os governadores gostaram mais do que ouviram do presidente Sarney, no jantar de anteontem à noite no Palácio da Alvorada, do que das dissertações feitas pelos três ministros (Trabalho, Planejamento e Fazenda) durante a reunião que tiveram com a Executiva do PMDB, segundo opinião de um deles, o governador Hélio Gueiros, do Pará.

No jantar do Alvorada, anteontem à noite o presidente defendeu o alcance social do Plano Cruzado, sustentando que aquele programa econômico promoveu uma efetiva redistribuição de renda, permitindo a ascensão social de muitos (pessoas que não tinham rádio, televisão e geladeira conquistaram esses bens).

Sarney está convencido de que essas pessoas continuarão apoiando o Plano Cruzado, para defender suas conquistas. De sua parte, prometeu que tudo fará para levar avante o Plano, adotando as medidas que forem consideradas necessárias para remover as falhas registradas até o presente momento.

Um ponto que continua obscuro: o do gatilho salarial. Não ficou claro se o Governo mantém o gatilho ou se o substitui por outro mecanismo, seja no encontro dos governadores com Funaro, seja com Sarney. O próprio Ulysses Guimarães disse aos jornalistas que ainda não sabe se o gatilho vai ou não ser mantido.

Em relação à política salarial, no seu encontro com

os governadores no Palácio da Alvorada, Sarney não foi muito explícito. Disse apenas que está estudando as alternativas. A maioria do PMDB continua defendendo a manutenção do gatilho salarial, enquanto o Governo não apresentar uma alternativa satisfatória.

Sarney mostrou-se tranqüilo quanto à redução dos juros através das providências que o Governo começou a adotar por meio do Banco Central. Ele está certo de que a especulação que jogou os juros para o alto, neste início de ano, foi montada artificialmente e não terá condições de resistir ao impacto das medidas governamentais.

Quanto à dívida externa, tudo indica que o Governo já está se preparando para a pior hipótese — a do confronto, como, aliás, admitiu o ministro Dilson Funaro, no debate que travou com os governadores do PMDB. Sarney disse aos governadores, no jantar do Alvorada, que o seu governo continua negociando com altivez e dignidade.

O Brasil não vai se intimidar nem se curvar a qualquer tipo de pressão. Seja ela interna ou externa — garantiu a um interlocutor.

E lembrou que o Brasil possui estrutura capaz de suportar possíveis consequências de um confronto. Assim mesmo, mostrou-se mais confiante e tranqüilo na possibilidade de obter uma negociação vantajosa com os banqueiros internacionais. Esta não é a visão de políticos do PMDB que estão acompanhando a novela da dívida externa, passo a passo.

O senador Severo Go-

mes, por exemplo, acha que Funaro não obterá nenhuma concessão significativa do Clube de Paris, o organismo não convencional que reúne os bancos estatais das nações mais ricas, credoras do Brasil. Por isso mesmo, Severo acha que o Brasil deve ir se preparando para a hipótese do confronto e da suspensão de todo e qualquer pagamento.

O encontro serviu, ainda, para que o presidente fizesse uma declaração de fidelidade aos princípios e ao programa do PMDB, acentuando que não tomou nenhuma decisão que não estivesse de acordo com essas diretrizes.

Em momento de descontração, Sarney brincou: Só no ano 2.700 o Estado do Maranhão voltará a dar um presidente da República. E logo aproveitou para dizer que o cargo de governador é o mais sedutor de quantos ocupou (deputado, senador, governador, presidente). "Ele (o governador) vê a semente crescer e se transformar em árvore".

O governador Hélio Gueiros classificou de falsa a notícia transmitida por uma cadeia nacional de televisão, na noite de anteontem, dando conta de um acordo dos governadores com o Governo Federal.

Não houve nenhum acordo dos governadores. Não houve barganha de espécie alguma. Nem os governadores estabeleceram qualquer condição e nem houve oferecimento dos ministros. Os governadores pediram para ser ouvidos previamente sobre qualquer medida que venha a ser adotada em todas as áreas.

Ricos reagem à opção por pobres

ALFREDO LOBO
Repórter Especial

Que discurso!" — exclamou um deputado, ao fim do pronunciamento do presidente José Sarney no jantar de anteontem com os governadores eleitos do PMDB. "Que desabafo!" — corrigiu, ao lado dele, a emocionada Roseana Sarney. Houve até quem comparasse o discurso, feito de improviso e em tom muito informal, à carta-testamento do presidente Getúlio Vargas.

"Fiz a opção pelos pobres e tive de enfrentar a reação dos ricos; agora chegou a hora de enfrentarmos essa reação", exortou o Presidente, segundo relato de um participante do jantar (que, confessando-se homem de má memória, não garante a fidelidade das palavras, mas afirma que o

conteúdo da frase é "inesquecível").

Dizendo-se "um poeta em recessão", Sarney defendeu com ardor as reformas sociais — inclusive a reforma agrária, que gostaria de acelerar — e prometeu ao PMDB que os ganhos salariais advindos do Plano Cruzado não serão retirados dos trabalhadores. "O cidadão que obteve um ganho real e pôde comprar uma geladeira não quer perdê-la. Ninguém renuncia ao próprio progresso", disse o Presidente.

Sarney estava ontem profundamente satisfeito com o apoio que recebeu do PMDB, mas continuou em seu desabafo contra o que tentava enfraquecê-lo no Governo. E, quase que respon-

dendo ao documento do PMDB, que perguntava a quem interessa a crise, lembrou a um deputado, em audiência no Palácio do Planalto, que na véspera já havia criticado "os oligopólios da comunicação".

"E, uma parte da imprensa que está fazendo isso com a gente. Eles não querem me derrubar, mas acham que sou populista e não querem também este Governo forte, com a esquerda participando", afirmou o Presidente ao deputado. Segundo Sarney, o empresário Roberto Marinho lhe relatou que já foi convidado diversas vezes para ir a São Paulo e participar de um esquema colocando a Rede Globo em uma campanha contra os comunistas no Governo.

"Ministros não tinham propostas"

"O pessimismo que os ministros da área econômica transmitiram, à tarde, o presidente Sarney desanuiu no jantar". A impressão foi manifestada ontem pelo futuro governador do Pará, senador Hélio Gueiros, um dos mais insatisfeitos com a exposição feita pelo ministro Dilson Funaro, João Sayad e Almir Pazzianotto, aos governadores do PMDB. Segundo ele, o discurso do Presidente aos dirigentes estaduais eleitos em 15 de novembro, feito de improviso no Palácio da Alvorada, foi um "estímulo" aos futuros governadores. "todos firmemente dispostos a ajudá-lo na manutenção do Plano Cruzado e solidários com seu governo".

Para Gueiros, a conversa mantida com os ministros da área econômica, na reunião da tarde, "mais pareceu uma espécie de conferência da Escola Superior de Guerra (ESG)": os governadores não foram con-

vocados a participar da política econômica do governo, mas apenas comunicados das ações. "Além disso, não chegaram lá com propostas concretas". Segundo ele, a posição dos governadores está claramente expressa na nota oficial distribuída à imprensa e foi um recado ao Governo Federal. O governador eleito do Pará garantiu que todos estão dispostos a exercer pressão sobre o Governo, para que seja aplicada uma reforma tributária emergencial, antes da promulgação da Constituição.

Liderados pelo futuro governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, os governadores indicarão pessoas para compor uma comissão que irá elaborar um plano de reforma tributária, da qual não abrirão mão, como forma de viabilizar suas administrações. Gueiros voltou a criticar a minuta de documento apresentado pelo governador

balano, Waldyr Pires, como "lirico e vago". Sobre política salarial, por exemplo, "um dos pontos cruciais", o documento dizia, apenas: "Somos a favor de um salário digno". O paraneense foi o primeiro a se contrapor à aprovação dessa nota, como desejava o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

Gueiros defende que os governadores exercam "pressão" para o atendimento de seus pleitos, por ser "a coisa mais legítima e comum". Quanto à estratégia a ser utilizada, "os fatos é que dirão". Mas o futuro governador lembra que "uma das armas mais comuns da vida parlamentar brasileira — e do mundo — são as recusas e concessões na hora de votar projetos". Frisa, ainda, que o Governo Federal precisará do apoio dos governadores e bancadas estaduais do PMDB durante o funcionamento da Assembléia Constituinte.

"Executivo não foi pressionado"

O apoio dos governadores eleitos ao presidente José Sarney vai permitir ao governo negociar com independência e soberania a dívida externa, livrando o país do risco de recessão. Esse foi o principal resultado das reuniões dos governadores em Brasília, na interpretação do governador eleito do Amazonas, Amazonino Mendes.

De acordo com o governador, a carta assinada pelos governadores do PMDB deixa claro que a negociação da dívida externa deve ser soberana, sem qualquer intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI), e de modo a não comprometer o desenvolvimento do país.

Amazonino Mendes frisou que, embora muitos de seus colegas reclamassem da falta de uma proposta concreta de solução para a crise econômico-financeira, pelo Governo, o Executivo federal não foi

pressionado. "O que se sentiu foi que, se há uma política para contornar os efeitos do que estamos sofrendo, ela não foi revelada. E se percebe também a persistência do Governo em manter os ganhos da sociedade com o Plano Cruzado", observou.

PEDRO IVO

O Governo não tinha uma proposta concreta de solução para a crise econômico-financeira, para apresentar aos governadores, porque preferiu a cautela a incorrer em outro erro, como aconteceu por ocasião do Cruzado II, lançado sem o devido amadurecimento. Esta é a opinião do governador de Santa Catarina, Pedro Ivo, que confirmou não ter sido acertado nenhum prazo para que o Governo revele seus planos.

O governador considerou "bom, em termos de rela-

cionamento", o jantar com o presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada. "Foi bom também — acrescentou bem humorado — porque tinha, lá, alguns ministros e governador hoje cheira ministro como rato cheira queijo". E nesse sentido, contou que o ministro do Planejamento, João Sayad, colocou sua pasta à disposição para os governadores que desejassem discutir os problemas financeiros de seus estados.

Pedro Ivo observou, ainda, que não foram colocadas reivindicações "de ordem inferior", mas apenas discutidos grandes temas nacionais. E adiantou: "Não temos a pretensão de querer impor uma nova política econômica. Seremos os executores da política governamental. As reuniões serviram para mostrar nossa unidade partidária e sintonia de propósitos".